



EDITADO POR EDUARDO GALASSO FARIA

TRADUÇÃO

CLAUDE EMMANUEL LABRUNIE

EDUARDO GALASSO FARIA

MARIA ANTONIETA MOTA KANJI



JOÃO CALVINO

TEXTOS ESCOLHIDOS

1ª edição, abril de 2008, pela **Publicações João Calvino** em comemoração aos 500 anos do nascimento de Calvino.

2ª edição, abril de 2024, pela **Pendão Real**. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, sem a autorização prévia da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Faria, Eduardo Galasso
João Calvino : textos escolhidos / editado
por Eduardo Galasso Faria. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2008.

Bibliografia

1. Calvinismo
2. Calvin, Jean, 1509-1564
3. Protestantismo
4. Reforma I. Título.

08-02730

CDD-284.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Calvinismo e Reforma Protestante : História
284.2
2. Reforma Protestante e Calvinismo : História
284.2

EDIÇÃO E SELEÇÃO DE TEXTOS: Eduardo Galasso Faria

TRADUÇÃO: Claude Emmanuel Labrunie, Eduardo Galasso Faria e Maria Antonieta Mota Kanji

REVISÃO: Eduardo Galasso Faria

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA: Seiva D'Artes (Foto da capa: João Calvino, jovem.)

PUBLICAÇÕES JOÃO CALVINO - www.teologiaesociedade.org.br

FACULDADE DE TEOLOGIA DE SÃO PAULO – FATIPI – www.fatipi.com.br

ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA LITERÁRIA PENDÃO REAL - www.pendaoreal.com.br

IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DO BRASIL – www.ipib.org



Rua da Consolação, 2121 - 6º andar

01301-100 - São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 3105-7773

pendaoreal.com.br • pendaoreal@pendaoreal.com.br

ISBN - 978-85-98208-10-7

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
PREFÁCIOS À BÍBLIA	11
PRIMEIRO PREFÁCIO: NOVO TESTAMENTO (1535)	13
SEGUNDO PREFÁCIO(1546): JOÃO CALVINO AO LEITOR	31
INSTRUÇÃO NA FÉ OU CATECISMO DE CALVINO (1537)	37
EPÍSTOLA A SADOLETO (1540)	91
PEQUENO TRATADO DA SANTA CEIA (1541)	137
ORDENANÇAS ECLESIASTICAS (1541)	179
ACORDO DE ZURIQUE (CONSENSUS TIGURINUS, 1549)	199
CRONOLOGIA DE JOÃO CALVINO 1509-1564	211
CALVINO – BIBLIOGRAFIA SELECIONADA	223

INTRODUÇÃO

A proximidade das comemorações dos 500 anos de nascimento do reformador João Calvino em 2009 (10 de julho), tem levado as igrejas de origem reformada em todo o mundo a reexaminar suas raízes no século XVI. Da obra realizada por este servo de Deus cresceu uma árvore que se tornou frondosa, tendo frutificado nos mais diferentes lugares e épocas desde então. Vista à distância, esta caminhada histórica aponta para a existência de uma espiritualidade cristã vigorosa que, como dom precioso é acima de tudo e em primeiro lugar, motivo de gratidão.

A consciência desta ligação com o passado e o fato de ser portadora de uma “herança reformada” faz com que esta Igreja, em um novo tempo, enfrentando outros desafios, sinta a necessidade de um reencontro com sua história como elemento importante para a continuidade da missão de Deus, com a qual o Espírito Santo a reveste nos dias de hoje.

Em uma época caracterizada por grande diversidade religiosa e cultural, afirmar a identidade própria é essencial. O estudo de Calvino, seu pensamento e atuação em Genebra, embora constitua ponto de partida indispensável para a realização deste propósito, nem sempre é fácil de ser realizado com êxito.

É sabido o quanto a imagem do reformador francês tem sido prejudicada e distorcida através da história. Também não é novidade a existência de polêmicas sobre suas idéias mesmo dentro dos grupos religiosos

que o tomam como preceptor. Cabe aos herdeiros deste fiel discípulo de Jesus Cristo, cômnicos das dificuldades, mas também determinados, descobrir o valor de sua contribuição no passado e hoje, ora superando os estereótipos construídos em torno de seu nome, ora empenhando-se por conhecê-lo melhor. A leitura e discussão dos seus escritos constituirá certamente uma ferramenta importante nesta aproximação e redescoberta.

É enorme a quantidade de obras produzidas por este homem que teve sobre si a responsabilidade por inúmeros encargos em uma vida relativamente curta, tendo morrido aos 55 anos: são comentários bíblicos, sermões, escritos teológicos, tratados, controvérsia, apologética e cartas, entre outros. Fazer uma escolha de textos seus para serem traduzidos e divulgados, por poucos que sejam, é uma tarefa difícil.

Um levantamento das traduções de seus escritos publicados em português mostra que não são muitos, embora o esforço editorial nesse sentido tenha prosperado no Brasil nos últimos vinte anos. A partir de 1995 foram editados uma dezena de importantes *Comentários* seus e antes, já a partir de 1985, as *Institutas*, reeditadas em 2006. É deste mesmo ano uma outra edição desta obra, especial “para estudos e pesquisa”, também em quatro volumes. Outras edições ainda, “simplificadas” ou incompletas, já haviam se tornado acessíveis. No entanto, a notícia de que mais uma outra edição desta mesma obra está sendo preparada, parece confirmar ainda hoje a idéia generalizada e sem dúvida inaceitável, de que Calvino é o homem de um único livro...

Acrescente-se a isso, como dificuldade para um conhecimento mais proveitoso do reformador o entendimento, também muito difundido, de que sua principal contribuição reside no pensamento teológico, muitas vezes tratado de maneira intelectualista e reduzida a algumas pontos, ora enfatizando a depravação total do ser humano mas, principalmente, a doutrina da predestinação. Como decorrência, um ensino doutrinário e racionalizado, fora de seu contexto histórico

e sem apelo pessoal abrangente, tem sido atribuído a Calvino, que passou a ser considerado muito mais um teólogo escolástico do que o pensador dialético com vocação pastoral, servidor da Palavra viva de Deus redescoberta para o seu tempo.

A questão pertinente nesse caso está relacionada ao descuido em se recuperar muitos de seus ensinamentos, hoje praticamente esquecidos, como sua ética sócio-político-econômica, a doutrina da criação face à degradação ambiental e à destruição da natureza, seu exemplo como reformador social em busca da justiça do reino de Deus, a prática de um estilo de vida simples, inspirado nas Escrituras, entre outras ênfases.

Empenhadas em superar essas dificuldades e no intento de abrir novas pistas para o acesso a Calvino, as **Publicações João Calvino**, do Seminário Teológico de São Paulo lançaram no passado, através da Editora Pendão Real, material de caráter introdutório ao reformador e seu legado. O primeiro livro, de 1997, foi *A Tradição Reformada: uma maneira de ser a comunidade cristã*, seguido de *Grandes Temas da Tradição Reformada* (1999) e *Sempre se Reformando. A Fé Reformada em um Mundo Pluralista* (2000).

A primeira etapa deste esforço editorial brotou portanto, da idéia de colocar na mão dos leitores recursos para um levantamento histórico e teológico básico *sobre* Calvino e a tradição que se desenvolveu a partir de sua obra. Em um segundo momento, a motivação que resultou no volume que agora está sendo lançado, foi tornar acessíveis escritos *do* próprio reformador, de forma a possibilitar que ele mesmo, de alguma maneira, pudesse “falar”.

Este novo livro - *João Calvino - Textos Escolhidos*, foi planejado em função destas preocupações. A seleção dos escritos que haveriam de compor o seu conteúdo foi direcionada para os primeiros textos publicados do reformador, após sua conversão, em uma experiência de fé marcante com o Senhor Jesus, quando tinha cerca de vinte e quatro anos. Neles são encontrados dados reveladores, que podem fazer justiça a um personagem visto com reserva por muitos. Além

disso, eles mostram os fundamentos que serviram de base para a intensa reestruturação da sociedade de Genebra e da vida de seu povo, conforme a Palavra de Deus e que passaram a servir como inspiração para outros. Acima de tudo, eles remetem, na verdade, às “fontes” do protestantismo reformado.

Esses textos podem ser chamados também de “fundantes” ou basilares, pelo papel que tiveram no movimento reformado desde o início. São pequenos escritos redigidos com simplicidade, muita clareza e de forma vívida em uma nova linguagem teológica para a época, com objetivos práticos, alguns com sensibilidade poética, revelando a alma de seu autor sob o impacto da força do evangelho.

Os sete textos de Calvino aqui apresentados são inéditos no Brasil e seis aparecem pela primeira vez em língua portuguesa. Apenas um deles - *Instrução na Fé* – já teve uma outra tradução e está no vernáculo. Eles abrangem o período entre 1535 e 1541, quando seu autor ainda não havia se instalado em Genebra pela primeira vez, até seu retorno, após o intervalo vivido na cidade de Estrasburgo. Dois outros textos são de data posterior mas, por seu conteúdo, estão bastante ligados e formam uma unidade com os escritos do período mencionado.

No preparo destas traduções e introduções aos textos, fomos estimulados por algumas pessoas amigas e contamos com as competentes sugestões do Dr. Claude Emmanuel Labrunie, especialista em Calvino, que elaborou também uma Cronologia sobre ele, incluída com propósitos didáticos. Ao final e com vistas ao futuro dos estudos sobre Calvino entre nós, apresentamos uma Bibliografia Seleccionada. Embora hoje, poucos se aproximem deste teólogo sem alguma restrição, é notável a quantidade e a qualidade das novas interpretações publicadas sobre seu pensamento e influência.

A publicação deste volume está sendo possível em parte graças ao fundo rotativo que resultou da comercialização dos primeiros livros desta coleção e, em parte, devido ao interesse tanto do presidente do Seminário Teológico de São Paulo, rev. Gerson Correia de

Lacerda, como da Diretoria da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), na divulgação das obras e do pensamento de João Calvino. Lembramos também que o impulso inicial para que este empreendimento se concretizasse resultou, no passado, da participação financeira do Partnership Fund Committee e da Fondation pour l'Aide au Protestantisme Reformée, da Aliança Mundial de Igrejas Reformadas (AMIR), aos quais mais uma vez agradecemos.

Rev. Eduardo Galasso Faria

Publicações João Calvino
Seminário Teológico de São Paulo

PREFÁCIOS À BÍBLIA

Introdução: Eduardo Galasso Faria

INTRODUÇÃO

A Bíblia de Olivétan, com o Novo Testamento publicado em 1535, foi a primeira tradução protestante (reformada) das Escrituras para a língua francesa. É assim chamada por ter sido seu tradutor Pierre Robert "Olivétan" (1506-1538), primo de João Calvino, que teve influência na conversão do futuro reformador, ocorrida por volta de 1533.

O **Primeiro Prefácio** escrito em latim por Calvino para esta Bíblia, se inicia com “Deus, o criador” e é dirigido a “todos os imperadores, reis, príncipes e povos”.

Sua importância reside no fato de Calvino fazer, pela primeira vez, publicamente, sua defesa apaixonada e decidida da fé reformada, antes mesmo de ser publicada a *Instituição da Religião Cristã (Institutas)*, em 1536.

O conteúdo apresenta um pequeno resumo da fé cristã desde a criação até o cumprimento das profecias em Jesus Cristo, único mediador tanto da Antiga Aliança (Lei) como da Nova. Traz um apelo à reforma da Igreja, revelando a preocupação em responsabilizar as autoridades religiosas e civis pela difusão da Bíblia na linguagem do povo simples, bem como a condenação daqueles que queriam impedir sua tradução para o vernáculo.

O **Segundo Prefácio**, escrito em francês, inicia-se com “Se quisesse”, e apareceu na edição da Bíblia completa de 1546, inteiramente revista por Calvino.

A linguagem utilizada neste prefácio é entusiasta, poética e parece brotar diretamente de coração de seu autor. Ao tratar a fé cristã de uma maneira totalmente nova, revela simplicidade, distanciando-se dos padrões escolásticos até então utilizados para este fim. Por isso, os dois prefácios têm sido considerados “uma obra prima de clareza literária”, feita em tom doxológico.

A Bíblia de Olivétan foi traduzida a partir dos originais hebraico e grego e sua publicação, iniciada em 1535, foi financiada pelos valdenses do Piemonte. Este trabalho prosseguiu depois e deu origem à conhecida *Bíblia de Genebra*, que tanta influência exerceu no mundo da Reforma francófona.

Os textos utilizados para a tradução se encontram em: *La Vraie Piété. Divers Traités de Jean Calvin et Confession de Foi de Guillaume Farel*. Textes présentés par Irena Backus et Claire Chimelli. Genève: Labor et Fides, 1986 e também em *Calvin, Oeuvres Choisies*. Édition d’Olivier Millet. Paris: Gallimard, 1995.

PRIMEIRO PREFÁCIO: NOVO TESTAMENTO (1535)

Tradução: Maria Antonieta Mota Kanji

EPÍSTOLA A TODOS OS QUE AMAM A JESUS CRISTO E SEU EVANGELHO

A todos os que amam a Jesus Cristo e seu evangelho,
saudações.

Deus, o criador muito perfeito e excelente obreiro de todas as coisas, além de suas outras criaturas nas quais já havia se mostrado mais que admirável, ainda havia formado o homem como uma obra-prima cuja excelência singular pôde-se contemplar¹. Pois ele o havia formado à sua imagem e semelhança (Gn 1.26), de tal maneira que a luz de sua glória reluzia claramente nele. Ora, aquilo que podia fazê-lo subsistir neste estado no qual havia sido constituído era que se humilhasse sempre diante da majestade de Deus, engrandecendo-o com ação de graças, e que não procurasse a glória em si mesmo, mas, vendo que tudo procedia do alto, olhasse também sempre para o alto, para glorificar um só Deus a quem o louvor só era a ele pertinente.

Mas, o infeliz, querendo ser algo em si mesmo, logo começou a esquecer-se e a desconhecer de onde lhe

vinha o bem e, por ingratidão ultrajosa, empreendeu vangloriar-se e protestar contra seu criador e autor de todos seus dons. Por esta razão, caiu em desgraça, perdeu toda a dignidade e excelência da sua primeira criação, foi despojado e privado de toda a sua glória, afastado de todos os dons que nele haviam sido depositados, para derrotá-lo em seu orgulho e fazê-lo aprender² aquilo que não quis compreender de boa vontade: isto é, saber que tudo não passava de vaidade, e nada mais seria se não pelo poder do Senhor que o havia assistido.

Então, Deus começou também a tê-lo sob sua ira e, como ele bem merecia, começou a renegá-lo como obra sua, visto que nela sua imagem e semelhança estavam obscurecidas, e as graças de sua bondade estavam fora dela. E, da maneira como o havia posto e colocado à sua disposição era para nele deleitar-se e comprazer-se, tal como um pai em seu muito querido filho, mas, ao contrário, o homem o teve em desprezo e abominação, de tal modo que tudo que antes nele aprazia a Deus o tem agora desagradado, aquilo que antes o saciava ao deleitar-se nele o tem irritado, aquilo que a Deus satisfazia ao contemplá-lo com olhar benevolente e paternal o tem levado a detestá-lo e a vê-lo com pesar. Em resumo, o homem, por inteiro, com seus atributos, seus feitos, pensamentos, suas palavras, sua vida, tudo enfim tem desagradado totalmente a Deus, como se ele tivesse sido seu especial inimigo e adversário, a ponto de declarar que se arrependia de tê-lo criado. Após ter caído em tal confusão, o homem ainda foi fecundo em sua maldita semente para gerar uma descendência semelhante a ele, isto é, viciosa, perversa, corrompida, vazia e desprovida de todo bem, rica e abundante em mal.

Todavia, o Senhor de misericórdia, que não apenas ama, mas ele mesmo é amor e caridade, querendo ainda, devido à sua infinita vontade, amar a este que não é digno de ser amado, não deixou, de modo algum, os homens dispersos, perdidos, arruinados, tal como a iniquidade deles

¹ As edições da Bíblia e do Novo Testamento, impressas em Genebra ou alhures, que reproduzem este prefácio o intitulam, desde 1551: "EPÍSTOLA AOS FIÉIS DEMONSTRANDO COMO CRISTO É O FIM DA LEI".

² As edições posteriores, desde 1543, acrescentam aqui: "à força".

o requeria, mas, ao contrário, o Senhor os tem amparado e sustentado com doçura e paciência, dando-lhes sinal e disponibilidade para que pudessem retornar para ele erguendo-se em obediência da qual estavam afastados. E ainda que se ocultasse e se calasse, como se tivesse querido esconder-se deles, deixando-os que fossem atrás de vontades e desejos de sua concupiscência, sem leis, sem restrições, sem qualquer correção por parte de sua Palavra Deus tem, no entanto, advertido por meio de sinaisⁱ os quais deveriam incitá-los a buscá-lo, rastreá-lo, encontrá-lo e conhecê-lo a fim de honrá-lo como seria pertinente.

Assim é que Deus tem estabelecido por toda parte, em todos os lugares, em todas as coisas, suas insígnias e provas, às vezes em braços de tal nítido entendimento que ninguém pudesse alegar ignorância por não conhecer um tal soberano Senhor que tão amplamente havia exaltado sua magnificência. É quando, em todas as partes do mundo, no céu e na terra, Ele escreveu e praticamente gravou a glória de seu poder, sua bondade, sabedoria e eternidade. São Paulo disse bem, então, que o Senhor jamais deixou-se estar sem testemunho, mesmo em relação àqueles a quem não enviou nenhum conhecimento de sua Palavra, visto que todas as criaturas, desde o firmamento até ao centro da terra, podiam ser testemunhas e mensageiros de sua glória a todos os homens, a fim de inspirá-los a buscá-lo e, após tê-lo encontrado, acolhê-lo e homenageá-lo de acordo com a dignidade de um Senhor tão sábio e eterno; e ainda podiam ajudar nesta busca, cada um deles a seu modo (Rm 1.19 ss). Pois, as avezinhas canoras cantavam Deus, os animais o chamavam, os elementos o temiam, as montanhas ressoavam-no, os rios e as fontes lançavam-lhe olhadelas, as plantas e flores sorriam-lhe, ainda que não fosse necessário buscá-lo tão longe, uma vez que cada um poderia encontrá-lo em si mesmo, porque somos todos sustentados e mantidos pelo seu poder que habita em nós.

Entretanto ainda, para mais amplamente manifestar sua bondade e clemência infinita para com os homens, Ele não ficou satisfeito em instruí-los por meio apenas dos ensinamentos já citados, mas fez sua voz ser especialmente ouvida por um determinado povo, o qual, de

boa vontade e livre graça, Ele escolheu e elegeu entre todas as nações da terra. São os filhos de Israel aos quais por meio de sua Palavra Ele mostrou claramente quem era e, por meio de obras maravilhosas, ilustrou o que sabia fazer. Pois Ele os retirou da sujeição ao Faraó, soberano do Egito, sob a qual eles estavam detidos e oprimidos, a fim de alforriá-los e colocá-los em liberdade. E os acompanhou noite e dia durante a sua fuga, como fugitivo entre eles. Ele os nutriu no deserto. Fê-los possuidores da terra que lhes havia prometido, e deu-lhes vitórias e triunfos por meio de suas mãos. E como se não tivesse sido nada para outras nações, Ele quis ser expressamente nomeado Deus de Israel, e este ser intitulado seu povo, sob a condição de que não reconheceriam jamais outro senhor, e não aceitariam outro Deus. E esta Aliança foi confirmada e passada por documentos autênticos, pelo testamento e pelo testemunho que a eles fora doado.

No entanto, os homens, tendo todos os defeitos de sua raça maldita, e mostrando-se verdadeiros herdeiros da iniquidade de seu pai Adão, apesar de tantas e diferentes maneiras de exortação, não se sentiram tocados e nem deram ouvidos à doutrina pela qual Deus os advertia. As criaturas nas quais estavam gravadas a glória e magnificência de Deus não foram de nenhum proveito aos pagãos para fazê-los glorificar aquele de quem deveriam dar testemunho. A Lei e as profecias não exerceram nenhuma influência sobre os judeus para conduzi-los ao caminho correto. Todos estavam cegos à luz, surdos às admoestações, insensíveis aos mandamentos.

É bem verdade que os gentios, espantados e abalados por tantos bens e benefícios que podiam ver com seus próprios olhos, não podiam, entretanto, ver o benfeitor secreto de quem provinha tanta bondade. Mas ao invés de render glória ao Deus verdadeiro, a quem ela era devida, forjaram para eles um deus a seu bel prazer e segundo aquilo que sua louca imaginação, na sua vaidade e ilusão, os fez idealizar. E não somente um, mas tantos quantos deles sua temerária presunção pôde simular e fundir, de tal modo que não havia povo nem região que não tivesse feito para si novos deuses, do modo que lhes parecia bom.

Desde então, seu reino adotou a idolatria, este comércio proxeneta, que desviava os homens de Deus e enganava-os com muitos simulacros aos quais eles mesmos haviam dado nome, forma e existência.

Quanto aos judeus, se bem que tivessem recebido e aceitado as mensagens que o Senhor lhes havia enviado através de seus servos, logo, no entanto, tornaram-se infiéis, rapidamente desviaram-se de Deus, violaram e desprezaram sua lei que passaram a odiar seguindo-a de má vontade, afastaram-se da casa do Senhor e correram dissolutamente atrás de outros deuses, tornando-se idólatras tal qual os gentios e contra a vontade de Deus.

Por esta razão, para aproximar os homens de Deus, fossem eles judeus ou gentios, era preciso que uma nova Aliança fosse feita, certa, segura e inviolável. E para que ela fosse estabelecida e confirmada, era necessário um mediador que intercedesse e que se interpusesse entre as duas partes a fim de fazê-los entrar em acordo, sem o qual o homem permaneceria sob a ira e a indignação de Deus, não havendo nenhum outro meio de livrar-se da maldição, miséria e confusão na qual ele havia caído. Esse mediador era nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, verdadeiro e único eterno Filho de Deus, o qual devia ser enviado e dado aos homens, da parte do Pai, para ser o fundador de um mundo contrário àquele dissipado, destruído e desolado, e que desde o princípio do mundo tem sido sempre a esperança de recuperar a perda ocorrida em Adão. Porquanto, até mesmo a Adão, logo após a sua queda, a fim de consolá-lo e reconfortá-lo, foi dada a promessa de que, pela semente da mulher, seria esmagada a cabeça da serpente (Gn 3.15), o que queria dizer que por meio de Jesus Cristo, nascido de uma virgem, o poder de Satã seria abatido e rompido.

Desde então, esta promessa foi amplamente renovada a Abraão quando Deus lhe disse que pela sua semente todas as nações da terra seriam abençoadas (Gn 12.3): quer dizer, de sua semente originar-se-ia Jesus Cristo, segundo a carne, e através desta bênção, todos os homens, de qualquer região que fossem, seriam santificados. E mais uma vez, a promessa continuou, agora a Isaque, da mesma forma e com as mesmas

palavras (Gn 26.2-4), e depois, várias vezes anunciada, repetida e confirmada pelo testemunho de diversos profetas, até demonstrar-se claramente, para uma maior certeza, de quem Jesus Cristo deveria nascer, em que tempo, em que lugar, por quais aflições deveria passar e que morte deveria sofrer, a glória em que deveria ressuscitar, qual seria seu reino, a que salvação Ele conduziria os seus.

Inicialmente, foi-nos predito por Isaías dizendo como Ele deveria nascer de uma virgem: “Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel” (Is 7.14)ⁱⁱ. Em Moisés³ foi-nos descrito o tempo em que o bom Jacó dizia: “O cetro não será tirado da linhagem de Judá, nem o condutor da sua armada, até que venha aquele que deve ser enviado e este será a esperança dos povos” (Gn 49.10), o que se verificou no tempo em que Jesus Cristo veio ao mundo. Pois, os romanos, após terem despojado os judeus de todo governo e do seu modo de ser, haviam, há cerca de trinta e sete anos, ordenado Herodes soberano dos judeus que, no entanto, era estrangeiro,ⁱⁱⁱ cujo pai Antipas era da Iduméa e a mãe da Arábia⁴. Acontecia às vezes que os reis enganavam os judeus, e estes nunca se viram tão sem conselheiros, governadores ou legisladores, como então. Uma outra descrição disso é feita em Daniel ao calcular as setenta semanas (Dn 9.24).

O lugar de seu nascimento foi claramente indicado por Miquéias ao dizer: “E tu, Belém Efrata, tu és a menor dentre as milhares de Judá, de ti sairá para mim aquele que será dominador em Israel, cuja origem é desde o começo dos tempos, desde os dias da eternidade” (Mq 5.2). Quanto às aflições que Ele haveria de suportar para nos libertar e o sofrimento da morte por nossa redenção, Isaías e Zacarias referiam-se a eles ampla e indubitavelmente. A glória de sua ressurreição, a qualidade do seu reino e a graça de salvação que Ele deveria dar a seu povo foram ricamente tratados por Isaías, Jeremias e Zacarias.

³ O livro do Gênesis, cujo autor supunha-se ser Moisés.

⁴ Herodes, o Grande, cuja biografia é conhecida principalmente por meio do historiador do séc. I, Flávio Josefo.

Em tais promessas, anunciadas e testemunhadas por estes santos, personagens cheias do Espírito de Deus, são tranqüilizados e consolados os filhos e eleitos de Deus. E nelas têm também nutrido, sustentado e mantido a esperança, aguardando que o querer do Senhor fosse o de expor o que lhes fora prometido; alguns deles, reis e profetas, têm desejado muito ver o cumprimento disto ainda que não deixassem de perceber em seus corações e espíritos, pela fé, aquilo que não podiam ver com seus próprios olhos. E a fim de fortificá-los ainda mais, nessa longa espera deste grande Messias, Deus lhes deu sua Lei escrita na qual estavam incluídas várias cerimônias, purificações e sacrifícios; tais coisas não passavam de formas e sombras dos grandes bens que viriam por meio de Cristo, o qual era corpo e verdade delas. Pois a Lei não podia levar ninguém à perfeição, mas apenas a indicava e, como faz um pedagogo, guiava e conduzia até Cristo, o qual era, como dizia São Paulo, o fim e o cumprimento dela (Gl 3.24; Rm 10.4).

Semelhantemente, por várias vezes, e em diversas ocasiões, Deus lhes enviou reis, príncipes e comandantes para livrá-los de seus inimigos, para que pudessem governar em boa paz, recuperar suas perdas, fazer prosperar o seu reino e por meio de grandes esforços reelegê-los dentre todos os outros povos, para dar-lhes algum gosto das grandes maravilhas que receberiam deste grande Messias no qual se manifestaria toda a força e o poder do reino de Deus.

Mas quando a plenitude do tempo chegou e findou-se o prazo pré-estabelecido por Deus, este grande Messias, tão prometido e tão esperado, veio, terminou e cumpriu tudo aquilo que era necessário para a nossa redenção e salvação (cf Gl 4.4). E Ele foi dado não somente aos israelitas mas a todos os homens, de todos os povos e regiões, para que por meio dele a natureza humana fosse reconciliada com Deus, como está plenamente contido e claramente demonstrado no livro que se segue, o qual traduzimos o mais fielmente possível, de acordo com a verdade e a propriedade da língua grega, de modo que todos os cristãos e cristãs que entendem a língua francesa possam entender e conhecer a lei que devem manter e a fé que devem

seguir⁵. E nomeamos o dito livro Novo Testamento por estar à frente do Velho o qual, na qualidade de mais antigo deveria conduzir e levar ao mais novo, mas ele era em si mesmo frágil e imperfeito e por esta razão foi abolido e revogado. Mas este aqui é o Novo e eterno, que não envelhecerá jamais e jamais falhará pois Jesus Cristo foi dele o mediador que o ratificou e confirmou por sua morte, na qual cumpriu plena e inteiramente a remissão de todas as transgressões que se mantiveram sob o primeiro Testamento (Hb 9).

A Escritura também o chama evangelho, quer dizer, Boa Nova, e alegre, pois nele está declarado que Cristo, único, de pura origem e eterno Filho do Deus vivo, foi feito homem para nos fazer, por adoção, filhos de Deus seu Pai (Rm 8.15; Gl 4.5). E desta maneira Ele é o nosso único Salvador no qual jaz inteiramente nossa redenção, paz, justiça, santificação, salvação e vida, o qual morreu por nossos pecados, ressuscitou para nossa justificação, o qual subiu ao céu para nossa entrada^{iv}, isto é, tomar posse por nós e em nosso nome, para sempre intervir perante seu Pai, como nosso intercessor e perpétuo sacrificador, que está sentado à sua direita, como rei, constituído Senhor e Mestre acima de tudo, a fim de reparar todas as coisas no céu e na terra; isto é o que todos os anjos, patriarcas, profetas e apóstolos não teriam jamais podido nem sabido fazer (Hb 7 e 8). Porquanto para isto não foram ordenados por Deus.

E assim como o Messias havia sido tantas vezes prometido no Velho Testamento, também Jesus Cristo foi, por seguros e indubitáveis testemunhos declarado ser aquele, e ninguém mais, que estava para vir e que era o esperado. Pois o Senhor Deus, pela sua voz e seu Espírito, por

⁵ Em lugar da passagem: " como está plenamente contido...a fé que eles devem seguir", lê-se no *Traité* de 1543 assim como nas edições da Bíblia que a reproduzem:

"Por declarar tal coisa, o Senhor Jesus Cristo, que era o fundamento e a essência, ordenou aos apóstolos dando-lhes o encargo e o mandamento de tornar pública esta sua graça por todo o mundo. Ora, os apóstolos, para bem e completamente se desincumbirem de seu dever, não somente colocaram empenho e diligência em sua função de embaixadores por meio de prédicas orais mas, a exemplo de Moisés e dos profetas, para eternizar a memória de sua doutrina passaram-na para a escrita onde primeiramente fizeram um relato histórico de tudo que nosso Senhor Jesus havia feito e sofrido por nossa redenção; em seguida, mostraram a importância e o valor de tudo isso e qual o proveito que poderíamos tirar disso e de que modo poderíamos obtê-lo. Toda esta documentação nomeia-se Novo Testamento assim chamado por estar à frente do Velho...".

seus anjos, profetas e apóstolos, na verdade por todas as suas criaturas, nos tem inteirado disso de uma forma tão suficiente e certa que ninguém poderia contradizê-lo sem resistir e rebelar-se contra seu poder.

Primeiramente, Deus eterno, por intermédio de sua própria voz a qual é, sem nenhuma dúvida, verdade irrevogável, tem-nos dado testemunho disso dizendo: “Este é o meu Filho amado em que me comprazo, ouví-o!” (Mt 3.17 ; 17.5)^v. O Santo Espírito nos é grande testemunho disso em nossos corações, como disse São João (1Jo 5.6). O anjo Gabriel, enviado à Virgem Maria, disse-lhe: “Eis que conceberás em teu ventre e darás à luz um filho a quem chamarás pelo nome de Jesus. Pois este será grande e será chamado Filho do Altíssimo. E o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi seu pai e ele reinará eternamente na casa de Jacó onde seu reinado jamais terá fim” (Lc 1.31 ss). Esta mesma mensagem, em essência, foi dada a José (Mt 1.20). E depois também aos pastores aos quais foi dito que o Senhor havia nascido, o qual era Cristo, o Senhor. E esta mensagem não apenas foi levada por um anjo mas ratificada por uma grande multidão deles que, todos juntos, renderam glória ao Senhor e anunciaram a paz na terra [Lc 2.11 ss]. Simeão, o justo, em espírito profético, professou-a claramente. Pois tomando a criancinha em seus braços ele disse: “Agora, Senhor, tu **deixas** teu servo em paz, segundo a tua Palavra. Pois meus olhos viram teu Salvador que preparaste em face de todos os povos (Lc 2.25 ss)^{vi} João Batista também, como lhe convinha, ao avistar Jesus aproximando-se do rio Jordão, disse: “Eis o cordeiro de Deus, eis aquele que tira os pecados do mundo (Jo 1.29). Pedro e todos os apóstolos professaram, testemunharam, pregaram todas essas coisas concernentes à salvação e preditas pelos profetas que seriam realizadas por intermédio de Cristo, verdadeiro Filho de Deus. E aqueles a quem o Senhor havia ordenado para serem testemunhas até a nossa era, o têm por seus escritos, demonstrado amplamente como os leitores o poderão bem constatar.

Todos estes testemunhos convergem tão bem em um único, e juntos são tão concordantes, que é fácil reconhecer nesta concordância que há aí uma verdade certa; pois, na mentira não poderia haver neles uma tal coerência. Todavia, não somente o Pai, o Filho, o Espírito Santo, os